

É possível ensinar uma paixão? Reflexões circunstanciadas sobre o processo de formação do leitor

It is possible teach a passion? Detailed reflections on the process of formation of reader

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani*

Valdocir Antonio Esquinsani**

* Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo, RS. E-mail: rosimaresquinsani@upf.br

** Mestre em Letras. Professor de Língua Portuguesa da Universidade de Passo Fundo, RS. E-mail: valdocir@upf.br

Resumo

É possível ensinar uma paixão? Ao desenhar respostas para essa provocação, o texto filia-se às reflexões sobre o fomento à leitura na escola, admitindo ser possível construir metodologias e estratégias que favoreçam uma relação positiva com a leitura. Para tanto, o texto esquadrinha uma pesquisa de teor qualitativo, realizada em escola pública, no período de 2007-2011, cujos elementos empíricos foram retirados de dois grupos de documentos: a) os dados sobre a frequência dos alunos à biblioteca e o levantamento das obras mais procuradas, e b) os registros produzidos pelos alunos na disciplina de Língua Portuguesa, repercutindo a leitura em sala de aula. O texto conclui que a atuação docente pode ser fator concorrente para que o aluno ‘apaixone-se’ pela leitura, sendo que os processos de gestão da classe são corresponsáveis pela formação do leitor.

Palavras-chave

Gestão da classe. Leitura. Escola Pública.

Abstract

Is it possible to teach a passion? In designing responses to this provocation, the text is affiliated to the reflections on promoting reading in school, even be possible to build methods and strategies that foster a positive relationship with reading. To do so, scan the text content of qualitative research, conducted in public school, in the period 2007-2011, whose empirical elements were removed from two groups of documents: a) data on the frequency of students to the library and survey works highest demand, and b) the records produced by the students in the discipline of Portuguese, reflecting the reading in the classroom. The paper concludes that teacher performance can be concurrent factor for the student to ‘fall in love’ for reading, and the management processes of the class are co-responsible for the formation of the reader.

Key words

Class management. Reading. Public School.

Introdução

O texto parte de um questionamento: é possível ensinar uma paixão? Em outras palavras, é possível construir, na gestão da classe, metodologias e estratégias que despertem no aluno uma relação positiva com a leitura?

Na busca de uma resposta afirmativa, o texto elabora reflexões circunstanciadas e filia-se aos esforços de reflexão sobre as possibilidades de fomento à leitura na escola, fazendo uma revisão bibliográfica mínima sobre o tema. O texto também esquadrinha uma pesquisa de teor qualitativo, realizada em escola pública, no período de 2007-2011, cujos elementos empíricos foram retirados de dois grupos de documentos: em um primeiro grupo, dados estatísticos sobre a frequência dos alunos à biblioteca e o levantamento das obras mais procuradas. Em um segundo grupo de documentos, figuram os registros produzidos pelos alunos na disciplina de Língua Portuguesa e a relação que os alunos estabeleciam a partir das obras lidas.

Como um terceiro elemento de co-tejamento, foram analisados os diários de campo do professor, onde foram triangulados dados como: os livros mais procurados, haviam sido indicados e/ou comentados em aula? Os alunos repercutiam as expectativas do professor em relação às obras? As estratégias de divulgação de uma obra surtiam efeito no fomento à leitura? As metodologias de gestão da classe ampliaram a frequência dos alunos à biblioteca?

A ideia do texto, portanto, é intencionalmente simples: a atuação do profes-

sor na organização pedagógica da sala de aula (gestão da classe) pode impactar para a formação do hábito da leitura? O texto caminha na direção de uma resposta positiva a essa questão, apontando que a atuação docente pode ser um dos fatores concorrentes para que o aluno ‘apaixone-se’ pela leitura.

Parte também de uma premissa igualmente simples (por corriqueira e cotidiana): que entre as funções sociais da escola contemporânea está a forja identitária, pois “um dos grandes trunfos para a legitimação da escola tem sido sua contribuição na formação de identidades, sejam estas individuais, sociais e/ou culturais“ [...] (GABRIEL, 2005, p. 44).

Por fim, o texto inscreve-se nos estudos e reflexões acerca da qualidade na escola pública, fazendo parte de uma pesquisa que levanta elementos que possibilitem a vinculação entre gestão (em seus diferentes níveis) e qualidade da educação.

Caminhos para ensinar uma paixão: sobre a metodologia de pesquisa

Para o desenvolvimento das ideias sobre a gestão da classe e as possibilidades de inserção desta na formação do leitor, partimos de uma pesquisa de teor qualitativo, realizada com alunos de turmas do primeiro ano do Ensino Médio, no período de 2007-2011, em escola pública pertencente à rede estadual de ensino, localizada em um bairro periférico do município de Passo Fundo (norte do Rio Grande do Sul), entendendo-se por periferia os bairros e vilas que se constituem

nos limites das cidades aos quais acorrem, em geral, famílias com menor poder aquisitivo, 'expulsas' do centro urbano pela especulação imobiliária que inflaciona as residências mais centrais.

Os elementos empíricos foram retirados de dois grupos de documentos: a) dados estatísticos sobre a frequência dos alunos à biblioteca e o levantamento das obras mais procuradas, e b) registros produzidos pelos alunos na disciplina de Língua Portuguesa e a relação que os alunos estabeleciam a partir das obras lidas.

Os documentos arrolados foram comparados com o diário de campo de um professor que atua na educação básica. Tal escolha metodológica parte dos indicativos de Bernard Lahire, quando afirma que o estudo na escala individual carrega o condão de "responder a interrogações do dia a dia, leigas, mas essenciais, quanto à vida dos indivíduos em sociedade" (LAHIRE, 2005, p. 36).

Pois são justamente essas interrogações do dia a dia que despertam a necessidade da pesquisa: afinal, qual o impacto que um professor pode ter no fomento à leitura como um gosto? É possível dizer que o jargão recorrente de que o professor leitor forma alunos leitores faz algum sentido? Quais as estratégias de gestão da classe que podem colaborar no fomento a leitura?

Aqui importa clarificar que entendemos gestão da classe como um dos níveis da gestão educacional, o espaço em que o professor implica-se com as decisões coletivas e coloca em ação os documentos e decisões pedagógicas da escola, como o

Projeto Pedagógico e os Planos de Estudo.

Grosso modo, a gestão da classe (ou da sala de aula) é compreendida:

[...] como o conjunto de condições pré-estabelecidas (agrupamento e distribuição espacial dos alunos, regras de interação, estrutura e encadeamento das actividades, princípios orientadores da acção docente, rotinas e estratégias, etc) que definem o contexto em que se desenvolve o processo ensino-aprendizagem. (RODRIGUES, 2005, p. 429).

Por esta definição, gestão da classe também é um conceito que abarca as decisões individuais do professor. Refere-se às opções pelas quais o professor organiza sua sala de aula; as metodologias de ensino; as estratégias e recursos didáticos utilizados e até mesmo a simples disposição do mobiliário ou das classes para a aula. Todas essas decisões e opções influenciam diretamente a consecução de objetivos escolares e envolvem, ainda, a particular relação que o professor estabelece com os alunos (afeto, autoridade, empatia, diálogo).

Para a escrita do texto, foram consideradas, ainda, as seguintes questões: a) os livros mais procurados haviam sido indicados e/ou comentados em aula? b) Os alunos repercutiam as expectativas do professor em relação às obras? c) as estratégias de divulgação de uma obra surtiam efeito no fomento à leitura? d) as metodologias de gestão da classe ampliaram a frequência dos alunos à biblioteca?

Partiu-se da suposição de que a resposta positiva a todas essas questões (ou mesmo para parte desse bloco de

questões) implicaria confirmar, em escala individual, a possibilidade concreta de se ensinar uma paixão: a paixão pela leitura.

Papel singular: a biblioteca escolar

No desenvolvimento da pesquisa, posição singular foi ocupada pela biblioteca da escola. Nas circunstâncias em que foi desenvolvida a pesquisa, o setor identificado como biblioteca escolar caracterizou-se, essencialmente, por um indicador: espaço não-prioritário no contexto organizacional da escola.

Percebeu-se, de imediato, que a biblioteca escolar não se tratava de um espaço prioritário na organização da escola, nem do ponto de vista estrutural ou de gestão administrativa; muito menos do ponto de vista pedagógico.

Do ponto de vista administrativo, tal caráter subalterno fica claro pelo pouco interesse e investimento em tal espaço. Não raras vezes, a biblioteca estava fechada. Em algumas das ocasiões em que estava aberta, servia como espaços de consulta, pois não havia uma pessoa responsável pelo empréstimo de material.

Com uma aparência sombria (amplificada pelas cortinas escuras, herança da época em que a biblioteca escolar também servia como espaço para projeção de vídeos), não havia uma política clara de alocação de recursos humanos para aquele espaço. Em alguns dos anos recortados pela pesquisa, o bibliotecário foi um professor ou funcionário que não tinha outra função na escola (professor sem uma classe, ou funcionário excedente

em outro setor da escola). Nunca houve a alocação de uma pessoa com expertise ou conhecimento suficiente para empregar, naquele espaço, políticas de gestão que fomentassem minimamente a leitura ou servissem de apoio efetivo ao professor.

Do ponto de vista pedagógico, também ficou patente a pouca preocupação com aquele espaço, ou com suas efetivas possibilidades pedagógicas. A simples ideia de manter, na biblioteca escolar, professores ou funcionários 'sobrantes' na escola, sem um apoio ou acompanhamento específico, já seria um indicativo suficientemente forte de que a biblioteca não figurava na lista de preocupações pedagógicas.

Por outro lado, com o advento da sala de informática, a imagem da biblioteca como lugar de consultas e pesquisas acabou ainda mais inexpressiva. Já não fazia mais sentido algum ter um setor de empréstimo e consulta de livros físicos, quando a sala de informática permitia o acesso rápido a uma gama infinitamente maior de materiais. A biblioteca tornou-se, em alguma medida, obsoleta.

Esse caráter obsoleto da biblioteca, acompanhado pelo descaso administrativo e pouco investimento pedagógico, apresentaram-se como desafios ao desenvolvimento da pesquisa em tela, pois que é condição imperiosa para qualquer política ou ação de fomento à leitura dentro da escola a interação entre docentes e funcionários da biblioteca.

Todavia e a despeito do caráter não-prioritário da biblioteca escolar, todas as informações necessárias foram repas-

sadas pelos responsáveis pelo setor. Paradoxalmente o abandono estrutural e institucional do local engrossou a necessidade de mostrar o quanto este é pertinente e necessário para uma política adequada de fomento à leitura e, de forma mais ampla, de qualificação das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola (pública).

Caminhos para ensinar uma paixão: sobre a gestão da classe

Lançando mão das questões que serviram de argumento para a pesquisa, importa retomá-las e avaliar as possíveis respostas com base no cruzamento das fontes já mencionadas na metodologia.

Quanto à primeira questão ou à indagação se os livros mais procurados haviam sido indicados e/ou comentados em aula, é plausível acenar com uma resposta positiva a esta questão: de fato, dos dez livros mais procurados pelas turmas do primeiro ano do Ensino Médio na biblioteca da escola, sete haviam sido mencionados ou indicados explicitamente em sala de aula. Mas a simples resposta positiva a esta questão não indica que o professor tenha sido a figura decisiva nesta escolha.

Igualmente mensurável, a quarta questão ou a frequência dos alunos à biblioteca pode ser respondida de forma positiva. Comparando-se os anos de 2007 e 2008; 2008 e 2009; 2009 e 2010 e, finalmente, 2010 e 2011, foi possível perceber que os alunos dos primeiros anos do Ensino Médio aumentaram a frequência à biblioteca da escola em uma média de 10% em cada um dos quatro períodos

examinados, acumulando uma média de 40% de aumento regular na frequência da biblioteca entre o ano de 2007 e 2011.

Porém, novamente, os números não permitem uma resposta conclusiva ao problema de pesquisa, uma vez que em muitas ocasiões foram organizadas práticas de leitura que condicionavam a frequência à biblioteca, tais como seminários a partir da leitura de determinadas obras; vídeos; pesquisas; consultas a acervos, entre outras práticas realizadas na biblioteca ou a partir da biblioteca.

Com base nas observações descritas acima e na busca de uma investigação que focalizasse com exatidão a dimensão de fomento à leitura pelas ações de gestão da classe, foi preciso equacionar os dados numéricos com análises sobre os modos através dos quais os alunos repercutiam as expectativas do docente em relação às obras e a se as estratégias de divulgação de uma obra surtiram efeito no incentivo à leitura.

A resposta a estas duas questões, entretanto, não é tangível numericamente, uma vez que não há como mensurar que um número tal de alunos repercutiu positivamente a uma obra. Aliás, em que consiste repercutir positivamente a uma obra? Para a construção dessas respostas, foi essencial o apelo aos diários de campo do professor, suas percepções e ensaios sobre o retorno discente ante as estratégias de apelo à leitura, em especial sobre a organização e gestão de práticas leitoras.

As práticas leitoras desenvolvidas e (re) significadas nos diários de campo como parte da pesquisa constituem atividades de leitura preparadas a partir da

prescrição curricular de obras literárias, tais como: debates sobre autores (referências biobibliográficas), exposições, contação de histórias, recitais, dramatizações, projeção de filmes, murais, etc.

A partir de práticas leitoras desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Médio, foi possível organizar um repertório mínimo de ações de gestão da classe que repercutiram favoravelmente ao fomento da leitura ante aos alunos, sobretudo através do exemplo, pois percebemos, pelo diário de campo, que os alunos repercutiam favoravelmente a uma obra depois da indicação pessoal da leitura do professor, ou da leitura de excertos em sala de aula, uma vez que:

[...] a leitura em voz alta de narrativas escritas, combinadas com a discussão dessas narrativas com a criança, está em correlação extrema com o 'sucesso' escolar em leitura. Quando a criança conhece, ainda que oralmente, histórias escritas lidas por seus pais, ela capitaliza – na relação afetiva com os seus pais – estruturas textuais que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de escrita. (LAHIRE, 2004, p. 20).

No acompanhamento dos diários de campo, foi possível perceber que os alunos referiam as obras indicadas pelo professor, sobretudo aquelas sobre as quais o professor havia tecido algum comentário mais particularizado, indicando que a estratégia do exemplo é mais que um jargão acadêmico. De fato, os alunos manifestavam um interesse diferenciado pelas obras pelas quais o professor relatava sua predileção

pessoal.

Ainda no campo das estratégias de gestão da classe que, ao que indica a pesquisa nos diários de campo, parecem surtir um efeito positivo no incremento à leitura, está a prática adotada pelo professor da leitura de excertos em sala de aula.

Tal prática demonstra concretamente que o professor também é um leitor e que aprecia textos literários. Em muitas ocasiões, o excerto lido gerava debates em sala de aula, comentários, proposições e, com frequência, o estímulo a novas leituras de novos excertos.

O fato de ver os pais [e os professores] lendo jornais, revistas ou livros pode dar a esses atos um aspecto "natural" para a criança, cuja identidade social poderá construir-se, sobretudo, através deles (ser adulto como seu pai ou sua mãe significa naturalmente, ler livros). (LAHIRE, 2004, p. 20).

A gestão da classe pressupõe a mediação do professor e a consciência de que cada uma de suas ações terá repercussões sobre as escolhas que os próprios discentes farão de forma autônoma. Portanto um professor que escolhe, acolhe e incentiva a leitura através de suas ações de gestão da classe está colaborando para a formação de novos leitores, uma vez que

[...] a leitura se faz a partir um espectro múltiplo: homem, ação social e o conhecimento. Se a leitura for individual, solitária, ela se torna inócua. Quando pensamos e refletimos, pensamos a partir de uma realidade específica" (ALMEIDA, 2008, p. 22).

É preciso perceber a historicidade que está subjacente ao texto, “percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção” (KUENZER, 2002, p. 101). O professor é o profissional mais adequado para assumir a tarefa de contextualizar a leitura, mediatizando e trazendo informações relevantes, incorporando e adensando o texto, localizando-o.

Dentre os pré-requisitos [...] para o ensino e a dinamização da leitura escolar, o trabalho do professor merece maior atenção. Isso porque, sem um professor que, além de se posicionar como um leitor assíduo, crítico e competente, entenda realmente a complexidade do ato de ler, as demais condições para a produção da leitura perderão em validade, potência e efeito. (SILVA, 2002, p. 22).

Na pesquisa em tela, o professor, de forma alguma, é um agente passivo. Seu papel não se limita à indicação de obras literárias e a algum trabalho eventualmente realizado com a obra indicada, como a histórica ficha de leitura. Trata-se de um envolvimento ativo e orgânico, no qual o professor, além de indicar obras literárias, também organiza espaços de interação; procedimentos; estratégias de aula que favoreçam a fluência da leitura como desejo, paixão, estilo de vida.

Para que a instituição escolar cumpra com sua missão de comunicar a leitura como prática social, parece imprescindível uma vez mais atenuar a linha divisória que separa as

funções dos participantes na situação didática. Realmente para comunicar às crianças os comportamentos que são típicos do leitor, é necessário que o professor os encarne na sala de aula, que proporcione a oportunidade a seus alunos de participar em atos de leitura que ele mesmo está realizando, que trave com eles uma relação ‘de leitor para leitor’. (LERNER, 2002, p. 95).

Isto porque o professor é, em última instância, o responsável pelas modalidades de organização e gestão do trabalho pedagógico em sala de aula. As relações de cultura política, queira o professor ou não, se consciente do seu papel ou alheio a qualquer movimento, são constituídas no espaço cotidiano. Qualquer movimento só é possível pela intervenção docente, protagonista que contribuirá decisivamente para o triunfo ou naufrágio de qualquer ato de inovação na gestão ou prática pedagógica.

Kuenzer exemplarmente aponta que “leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura, escrita e fala – repetindo – são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas” (2002, p. 101), assim, a interferência docente no processo é mais do que uma tarefa inerente às suas obrigações laborais.

Possivelmente o professor que tenha uma experiência pouco produtiva com a leitura tenderá a minimizar a repercussão desta em seu processo formativo e, por conseguinte, no processo formativo do seu aluno. Por outro lado, o professor

que tenha tido uma experiência positiva com a leitura – ou que se esforce para torná-la amplamente significativa no seu processo de formação continuada –, terá dados e repercussões diferentes, buscando trabalhar essa singularidade também com seus discentes.

Certamente que cada um de nós desenvolveu, ao longo do seu trajeto de vida, uma determinada concepção de leitura. Possuímos explícita ou implicitamente, uma definição do “ler” em função de uma prática que executamos, em função de experiências vividas em sociedade. (SILVA, 2002, p. 47).

Não dá para defender uma ‘pseudo’ neutralidade ou naturalidade quando falamos do incentivo à leitura. Não se está ensinando uma norma técnica; não se está desenvolvendo um cálculo exato, mas gestando a classe de modo a facilitar, por estratégias e técnicas, o ensino de uma paixão, e nada mais eficiente que o exemplo circunstanciado e acompanhado pela prática pedagógica na gestão dos processos de sala de aula...

Quem se dispõe a entrar numa sala de aula para ensinar tem que saber satisfatoriamente aquilo que ensina, tem que dominar os conteúdos e suas disciplinas, para orientar a leitura, o professor tem que ser leitor, com paixão por determinados textos ou autores e ódio por outros. (SILVA, 2002, p. 14).

Todavia o professor, por melhores intenções que possa carregar, não prescinde da assistência de outras instituições

para que esse trabalho de formação de uma paixão seja efetivo. Dentre esses ‘parceiros’, o mais orgânico é a família, pois:

Se a família e a escola podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o fracasso ou o sucesso escolares podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor contradição, do grau mais ou menos elevado de dissonância ou de consonância das formas de relações sociais de uma rede de interdependência a outra. (LAHIRE, 2004, p. 19-20).

De outra forma: para efetivarem-se como espaços orgânicos de fomento à leitura, tanto a gestão da classe quanto a mediação docente necessitam de parcerias e colaboração.

Conclusão

Como conclusão, o texto assume a leitura como um estilo de vida que pode ser ensinado. Nessa direção, aponta que as estratégias e metodologias de gestão da classe são, em grande medida, correspondentes pela formação do leitor.

Entretanto e como premissa do rigor metodológico, importa salientar que tal conclusão advém de uma triangulação de dados oriundos de diferentes fontes que, apenas a partir de seu cotejamento, permitem afirmar, em escala local, a pertinência e o impacto da gestão da classe na forma do fomento à leitura. Justo por essa razão, as reflexões são circunstanciadas, datadas, historicizadas.

Ensinar uma paixão, como provocativamente o texto admite, requer competências de gestão do processo pedagógico em sala de aula (o que comumente chamamos de gestão da classe) que implicam vencer o desafio de...

[...] formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou a solidarizar-se com o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária. (LERNER, 2002, p. 28).

As políticas (ou escolhas) com as quais o professor desenvolve sua prática pedagógica junto à classe e que são substanciadas por ações como organização dos espaços; proposição de atividades; interação e fomento a interação; favorecimento de situações de aprendizagem;

aplicação de estratégias metodológicas etc, expressam, na medida, o espírito e o conteúdo dos referenciais que guiam o seu trabalho pedagógico, bem como o seu compromisso para com princípios e conteúdos como a leitura, exemplarmente.

Ser leitor é desfrutar da leitura, personalizar e identificar-se com o texto, refletir, fortalecer a capacidade crítica, enfim, interagir. A leitura pode ser fomentada e fortalecida na escola, pelas opções metodológicas do professor e, assim, tornar-se um estilo de vida.

Por fim parece oportuno sublinhar que nenhuma ação de gestão da classe tem a possibilidade de, sozinha, interferir na formação do leitor. As ações de gestão da classe – se direcionadas para a leitura –, concorrem diretamente com fatores como acesso às obras e incremento familiar para a formação do leitor.

Referências

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. *Práticas de leituras*. Curitiba: Pró-Infantil, 2008.

KUENZER, Acacia (Org.). *Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. 3. ed. Cortez, 2002.

GABRIEL, Carmen Teresa. A identidade (nacional) na berlinda: uma forma possível de entrar no debate em torno da educação intercultural. In: CANDAU, V. M. *Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós crítico*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. 1. ed. Porto Alegre: Ática, 2004.

_____. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. *Sociologia - problemas e práticas*, Lisboa, n. 49, 2005, p.11-42.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RODRIGUES, Armindo José. A organização e gestão do processo ensino-aprendizagem no 1º ciclo do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, Marília, SP, v. 11, n. 3, p. 429-444, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

Recebido em março de 2012

Aprovado para publicação em agosto de 2012